

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS HISTÓRICOS DR. ANTÓNIO DE VASCONCELOS

Revista Portuguesa de História

TOMO XV



COIMBRA/1975

B I B L I O G R A F I A

EDMUND STEPHEN URBANSKI — *Hispanoamérica, sus razas y civilizaciones*. New York, 1973. Elíseo Torres & Sons. Torres Library of Literary Studies, n.º 14. 327 pp.

O título desta obra, só por si, sugere desde logo a imensidade e complexidade dos problemas que ela pretende abranger. Claro que o Autor tem plena consciência disso (cfr. p. 18) e também é certo que poucos estariam em melhores condições para realizar tão difícil empreendimento. Há trinta e cinco anos que o Prof. Edmund S. Urbanski, norte-americano de origem polaca, se tem dedicado aos estudos americanistas, especialmente os relacionados com a Hispano-América. Note-se ainda que os conhecimentos obtidos nos livros puderam ser completados e controlados pelo contacto directo resultante de uma demorada residência e de posteriores viagens.

Concentrando-se na investigação étnico-cultural, sociológica e psicológica dos problemas americanistas, decidiu tentar uma análise da personalidade colectiva dos anglo-americanos e dos hispano-americanos, baseada na comparação das suas civilizações. Deste projecto nasceu o livro *Angloamerica e Hispanoamérica. Análisis de dos civilizaciones* (Madrid, 1965), além de outros trabalhos.

Continuando a aprofundar e a desenvolver muitos dos temas versados nessas páginas, veio o A. a escrever e a publicar, quase no termo da sua carreira docente, a obra que é objecto desta recensão.

Nos doze capítulos do volume a civilização hispano-americana é considerada numa perspectiva simultaneamente antropológica, cultural, histórica, psicológica e sociológica. Trata-se, pois, de um estudo interdisciplinar, constituído por uma cuidadosa análise do *cadinho social* da América hispânica, com os grupos étnicos que nele participam e os seus costumes, mentalidades, motivações e modelos de conduta. Com razão o A. preferiu este caminho à «descrição pitoresca», tão frequente em livros superficiais e que nada têm de científico.

Não pretende o Prof. Urbanski renunciar ao conceito, até agora adoptado, de civilização hispano-americana como fenómeno socio-cultural unificado. Considera-o, no entanto, so parcialmente aceitável, dada a sua falta de precisão e profundidade, do ponto de vista da antropologia cultural e social. Parece não se ajustar à rica pluralidade étnica da América hispânica e à diversidade de ingredientes culturais e sociais exibidos pelos vários grupos da população, que têm os seus valores, mentalidades e características próprias. Estas circunstâncias levam o A. a concluir que a Hispano-América tem, não *uma* só, mas *várias* civilizações, cuja identidade socio-cultural é frequentemente obscurecida pela visão unitária. No livro há pouco publicado procura o Prof. Urbanski descobrir e pôr em foco os seus caracteres e diferenças fundamentais.

Após um capítulo introdutivo de esclarecimento da terminologia americanista, sujeita a confusões desde o descobrimento colombino (cap. I), passa-se ao estudo dos povoadores europeus e da colonização, nos seus aspectos ecológicos e humanos (caps. II e III). O A. compara os processos colonizadores anglo-americanos e hispano-americanos e, a propósito das relações entre o homem e o meio físico, critica a tese ecológica (p. 67) e mostra como tem sido erradamente entendida a noção de «tropicalismo» aplicada globalmente à Hispano-América (p. 73).

A parte central da obra, formada por cinco capítulos, dá-nos, em excelentes sínteses, a problemática dos grandes grupos étnico-culturais hispano-americanos: índios, mestiços, crioulos da América mestiça, crioulos do Prata e negros (caps. IV-VIII). O fenómeno da mestiçagem e a sua importância são devidamente realçados: «Debido a la intensidad de la mezcla de los peninsulares hispanos con los indios americanos en el pasado y entre sus descendientes de ahora, la *clase mestiza* constituye hoy el tronco de la población hispanoamericana» (p. 97). Por isso crioulos, índios e negros não passam de minorias, embora os primeiros, «merced a su importancia social y económica e influencias culturales», desempenhem «un papel preponderante en la mayor parte de Hispanoamérica» (p. 98).

Revestem-se de particular interesse e originalidade as páginas relativas aos crioulos, pois que, como bem lembra o A., os estudos dedicados ao crioulisto, com excepção do platino, «son extremadamente escasos» (p. 133). Embora na maior parte da América hispânica os crioulos, como já dissemos, constituam minoria, sucede o contrário na região do Prata (como também no Chile e na Costa Rica). «La

Argentina y el Uruguay poseen una *civilización criolla*, [...] la cual es diametralmente distinta de la *civilización mestiza*» (p. 143). Não admira, pois, que o crioulismo platino apresente «rasgos muy especiales» (p. 123), que o distinguem do crioulismo minoritário dos países mestiços. Compreende-se que o tema tenha sido objecto de todo um capítulo, com a exposição dessas características singulares (cap. VII).

Não merece menos atenção o capítulo sobre «los negros en las dos Américas» (cap. VIII), no qual, como o próprio título dá a entender, a situação desta etnia é sujeita a um estudo comparativo. A preocupação comparatista é, aliás, constante no espírito do A. e manifesta-se com particular nitidez na parte final da obra (caps. IX-XII).

Ai são postas em foco as semelhanças e diferenças de idiossincrasia das populações hispano-americana e anglo-americana, as suas diversas orientações culturais — sintetizadas nas tendências para o «elitismo» da primeira e para o «igualitarismo» da última (p. 228) —, as características das respectivas civilizações, as disparidades da conduta social e as diferentes atitudes no plano religioso.

O A. procurou escrever sem temor nem favoritismo (p. 15) e devemos reconhecer que o conseguiu, produzindo um trabalho sério, equilibrado e redigido com clareza. Será certamente lido com interesse e é natural que algumas opiniões expostas venham a ser discutidas, servindo assim de estímulo a novos estudos. Por nossa parte apenas faremos duas breves observações a pontos de pormenor.

Ao tratar da desigualdade que se nota na situação da população negra em relação ao ensino superior, diz o Prof. Urbanski: «Mientras los Estados Unidos cuentan ya con más de cien *universidades* y colegios negros, con la Howard University a la cabeza, todavía ninguna ha sido establecida en toda Latinoamérica, inclusive en el Brasil, donde la población negra es mayor que la que corresponde a los Estados Unidos» (p. 182).

Parece-nos, no entanto, que a solução do problema não consiste em fundar universidades *negras* na América Latina, mas sim em criar as condições necessárias para que um maior número de pessoas de cor possa frequentar cursos superiores *abertos a todos*. As realizações norte-americanas neste domínio revelam, sem dúvida, o alto nível cultural atingido por um importante sector da população negra, mas não favorecem a compreensão inter-racial. O A., aliás, com a sua preocupação de objectividade, não esqueceu a outra face da medalha: «Debido a su multicientenario *entrecruce étnico*, en Latinoamérica no

existe hoy un problema racial tan agudo como en algunas partes de los Estados Unidos...» (p. 183).

Outro ponto que encaramos com reserva é a relação que o Prof. Urbanski, seguindo Madariaga, pretende estabelecer entre «ambiente católico» e «ideologia marxista» (p. 242). Tudo depende do que se deva entender por «ambiente católico», aliás variável de país para país, sobre uma base comum de crenças. Em relação à Hispano-América, talvez seja de considerar a afirmação do mesmo Madariaga: «la religion se observa allá más como rito, que como fe o disciplina moral» (p. 242; cfr. p. 295). Mas pensamos que a questão é mais complexa e que há outros factores a ter em conta.

O volume é valorizado por alguns mapas úteis e termina com uma bibliografia escolhida, quadros estatísticos e índices.

L. F. DE A.

Actas de las I Jornadas de Metodología Aplicada de las Ciencias Historicas. Volume II (Historia Medieval). Universidad de Santiago de Compostela — Secretariado de Publicaciones. Santiago de Compostela, 1975. 362 pp.

As comunicações apresentadas nas I Jornadas de Metodologia Aplicada das Ciências Históricas que se realizaram na Universidade de Santiago de Compostela, de 24 a 27 de Abril de 1973, deram lugar, até ao presente momento, a dois volumes de Actas — o primeiro sobre Pré-História e História Antiga e o segundo concernente à História Medieval.

Cabe-nos dar uma panorâmica do saber condensado no segundo volume das Actas saídas com um certo atraso, em Abril de 1975, atraso esse explicado no prefácio por um dos orientadores das Jornadas, António Eiras Roei. Este professor, apontando, ainda, as diversas concepções de História e a sua contribuição para o desenvolvimento desta ciência, salienta que os objectivos da década de setenta, quanto a este ramo do saber são a quantificação, a interdisciplinaridade e a planificação do trabalho. Na verdade estas Jornadas mostraram-se fiéis